



ARQUIVO DE MÚSICA BRASILEIRA

Introdução a “Gavota” e “Minueto”, de *O contratador dos diamantes* de Francisco Braga

André Cardoso*

Resumo

A presente introdução aborda o compositor Francisco Braga no contexto da música brasileira de seu tempo, as influências que recebeu e o ecletismo de sua obra, a partir da edição de dois números para orquestra de cordas, “Gavota” e “Minueto”, da música incidental para *O contratador dos diamantes*, de Afonso Arinos.

Palavras-chave

Música brasileira – romantismo musical – orquestra de cordas – Francisco Braga – Afonso Arinos.

Abstract

This introduction provides some information about the composer Francisco Braga in the context of Brazilian music of its time, the influences he received and the eclecticism of his work, particularly as reflected in two pieces for string orchestra, “Gavota” and “Minueto”, presented in the following edition, from the incidental music for *The Contractor of Diamonds*, a literary work by Afonso Arinos.

Keywords

Brazilian music – musical romanticism – string orchestra – Francisco Braga – Afonso Arinos.

O *Arquivo de Música Brasileira* apresenta neste número 24/1 da *Revista Brasileira de Música* duas obras do compositor Francisco Braga, a “Gavota” e o “Minueto” para orquestra de cordas. Ambas foram extraídas da partitura para a música incidental de *O contratador dos diamantes*, peça do escritor mineiro Afonso Arinos de Melo Franco.

Antonio Francisco Braga nasceu no Rio de Janeiro em 15 de abril de 1868 e faleceu na mesma cidade em 14 de março de 1945. De origem humilde, sua formação musical foi realizada, a partir de 1876, no Asilo dos Meninos Desvalidos, ins-

* Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: andrecardoso@musica.ufrj.br.



tituição que o abrigou após a morte prematura de seu pai. Posteriormente ingressou no Imperial Conservatório de Música onde se formou em clarineta em 1886. Já tendo iniciado na composição, participou do concurso instituído pelo primeiro governo republicano para a escolha de um novo hino nacional brasileiro. O segundo lugar na competição lhe valeu uma bolsa para estudar na Europa. Nas provas para ingresso no Conservatório de Paris obteve o primeiro lugar sendo admitido na classe de composição de Jules Massenet (1842–1912). São do período parisiense algumas de suas principais obras como os poemas sinfônicos *Paysage* e *Cauchemar*. A partir de 1894 viajou por diversas cidades na Suíça, Itália e Alemanha. Em 1896, estabeleceu-se em Dresden e, de passagem por Bayreuth, assistiu uma encenação do *Parsifal* de Richard Wagner (1813–1883). Sob o impacto da obra wagneriana começou a compor sua ópera *Jupyra*, com libreto de Escragnole Doria (1869–1948). Do mesmo período são o poema sinfônico *Marabá*, sua obra orquestral de maior envergadura, e o *Episódio Sinfônico*, sua obra mais executada. O retorno ao Rio de Janeiro aconteceu em 1900, motivado pela estreia de sua ópera no Teatro Lírico. Em 1902 assumiu a cadeira de composição do Instituto Nacional de Música e iniciou sua carreira como regente. Suas principais obras no período são: *A Visitação*, uma das partes do oratório natalino *Pastoral* com libreto de Coelho Netto, o *Te Deum Alternado*, a música incidental para *O contratador dos diamantes* de Afonso Arinos e o *Hino à Bandeira*, escrito em 1905. Para a inauguração do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1909, compôs o poema sinfônico *Insônia*. Em seu catálogo encontramos também obras sacras, canções, peças para piano solo, música de câmara – com destaque para seu *Trio* para violino, violoncelo e piano – e muitos hinos. Destacou-se também como um dos mais ativos regentes de seu tempo, tendo sido maestro titular da Orquestra da Sociedade de Concertos Sinfônicos, da Orquestra do Theatro Municipal e da Orquestra do Instituto Nacional de Música.

No contexto geral da música brasileira Francisco Braga pertence à geração que representa o nosso romantismo musical e, assim como em seus colegas mais velhos nascidos na segunda metade do século XIX, Leopoldo Miguez (1850–1902), Henrique Oswald (1852–1931) e Alberto Nepomuceno (1864–1920), destaca-se pelo ecletismo manifestado pela filiação estética a diferentes escolas europeias.

Luiz Heitor chama atenção para o “acabamento refinado, de tipo francês” que revela uma técnica “solidíssima” dizendo que as obras de Braga são “verdadeiros modelos, são verdadeira ourivesaria musical, de uma perfeição técnica, de uma originalidade de fatura difíceis de superar”. Ao mesmo tempo, Luiz Heitor considera que a obra de Braga “não revela grande poder de criação” onde a “hábil manipulação” substitui “o vigor fecundo da imaginação” (Azevedo, 1950, p. 240 e 241).



Renato Almeida caracteriza a obra de Francisco Braga em duas vertentes: “numa delas é o músico de tendências gerais, dentro das influências europeias; na outra, aparece uma orientação nativista, refletindo esse esforço para encontrar uma expressão musical que seja o reflexo da nossa realidade”. No terreno da música orquestral Francisco Braga, segundo Almeida, “criou uma obra de mérito, opulenta e brilhante” (Almeida, 1942, p. 442).

Tais características podem ser encontradas em diferentes trechos da música para *O contratador dos diamantes*, ou seja, a presença simultânea das vertentes internacional e nacionalista. Composta entre os anos de 1905 e 1906, pois foi quando o compositor escreveu os números musicais exigidos pela ação cênica da peça de Afonso Arinos. São eles: “Prelúdio”, “Gavota”, “Minueto”, “Entreato”, “Variações sobre um tema brasileiro”, “Cantigas”, “Dança de Negros”, “Monólogo de Felisberto” e dois coros: “Gloria in excelsis Deo” e o “Gavião de Penacho” (Correa, 2005, p. 86).

Afonso Arinos de Melo Franco (1868–1916) foi um importante literato de seu tempo e membro da Academia Brasileira de Letras. Mineiro, nascido na cidade de Paracatu, desempenhou um papel pioneiro nas tendências regionalistas na literatura brasileira em obras como *Pelo sertão* (1898) e *Os jagunços* (1898). Postumamente teve ainda publicado o trabalho *Lendas e tradições brasileiras* (1917).

O contratador dos diamantes é um romance histórico e sua ação retrata os costumes da família patriarcal do interior das Minas Gerais no século XVIII, mais especificamente no Distrito Diamantino. A principal personagem, o contratador Felisberto Caldeira Brand, é apresentada por Arinos como autoridade local e líder de um movimento de resistência ao controle e exploração da Coroa portuguesa, e que vislumbrava a futura emancipação da colônia. A ambientação circula entre a vida rude dos escravos e os salões da nobreza, tendo como pano de fundo a riqueza gerada pela mineração (Lazzari, 2009, p. 13). Tal dualidade se reflete na música.

A vertente nacionalista pode ser identificada já pelo próprio título de alguns dos movimentos, como as “Variações sobre um tema brasileiro” – este último já conta com uma edição da Academia Brasileira de Música –, a “Dança de Negros” e o coro “Gavião de Penacho”. Segundo Luiz Heitor, “as primeiras páginas que Francisco Braga escreveu recendendo à terra pátria, empregando melodias e ritmos do povo brasileiro, foram as da música de cena para o drama de Afonso Arinos” (Azevedo, 1956, p. 186).

A vertente internacional se revela em números como o “Prelúdio”, a “Gavota” e o “Minueto”, entre outros. Segundo Bruno Kiefer, no “Prelúdio”, Francisco Braga “navega decididamente em águas wagnerianas” (Kiefer, 1982, p. 134). Importante ressaltar, entretanto, que não encontraremos o cromatismo que predomina, por exemplo, na ópera *Jupyra*. O modelo wagneriano para o “Prelúdio” de *O contratador dos diamantes* é a abertura da ópera *Os mestres cantores*. Já a “Gavota” e o



“Minueto” em nada lembram a música de Wagner e são, antes, movimentos que representam danças europeias praticadas nos salões aristocráticos, onde se desenrola a trama da obra de Afonso Arinos.

O manuscrito no qual se baseou a presente edição foi o autógrafo pertencente ao acervo da Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música da UFRJ.



Referências

- Almeida, Renato. *História da música brasileira*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Comp., 1942.
- Arinos, Afonso. *O contratador dos diamantes*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1917.
- Azevedo, Luiz Heitor Correia de. *Música e músicos do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1950.
- Azevedo, Luiz Heitor Correia de. *150 anos de música no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- Catálogo da exposição comemorativa do centenário do nascimento de Francisco Braga (1868-1945)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1968.
- Corrêa, Sérgio Nepomuceno Alvim. *Francisco Braga: Catálogo de obras*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Música, 2005.
- Kiefer, Bruno. *História da Música Brasileira: dos primórdios ao início do século XX*. 3ª ed. Porto Alegre: Movimento, 1982.
- Lazzari, Alexandre. “O buriti solitário e outras invenções: história, lugares e memórias da nação de Afonso Arinos de Melo Franco (1868–1916)”. In: *Anais do primeiro e do segundo encontros de pós-doutores do PPGH/UFF*. Niterói, dezembro de 2009. (Coleção Fórum Capistrano de Abreu, PPGH/UFF Publicações) Disponível em: http://www.historia.uff.br/stricto/pp_2009-12.php.
- Santos, Iza Queiroz. *Francisco Braga*. Ministério das Relações Exteriores: Rio de Janeiro: 1954.

ANDRÉ CARDOSO é violista e regente graduado pela Escola de Música da UFRJ, é mestre e doutor em musicologia, pela UniRio. Estudou regência com os maestros Roberto Duarte e David Machado. Durante três anos recebeu bolsa da Fundação Vitae para curso de aperfeiçoamento na Argentina com o maestro Guillermo Scarabino, na Universidade de Cuyo (Mendoza) e no Teatro Colón, de Buenos Aires. Em 1994 foi o vencedor do Concurso Nacional de Regência da Orquestra Sinfônica Nacional e passou a atuar à frente de orquestras como a Sinfônica Brasileira, a Orquestra Sinfônica da Paraíba, a Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, a Orquestra Petrobrás Sinfônica, a Orquestra do Teatro Nacional de Brasília e a Filarmônica do Espírito Santo. Durante sete anos foi maestro assistente da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Entre as diversas produções que dirigiu destacam-se os ballets *Coppélia*, *Gisele*, *Le Sylphide*, *La fille mal gardée* e *Lago dos Cisnes*, além de inúmeros concertos sinfônicos. Como pesquisador dedica-se à música brasileira dos séculos XVIII e XIX, publicou uma série de artigos em importantes periódicos nacionais. Seu livro, *A música na Capela Real e Imperial do Rio de Janeiro* foi vencedor no II Concurso Nacional José Maria Neves de Monografias, e foi publicado pela Academia Brasileira de Música, em 2005. Em 2008 lançou *A música na Corte de D. João VI* pela editora Martins Fontes, considerado um dos destaques editoriais do ano pelo jornal *O Estado de S. Paulo*. Atua também como produtor fonográfico, recebeu o Prêmio Sharp e o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) pela gravação da ópera *Colombo*, de Carlos Gomes. Atualmente é diretor da Escola de Música da UFRJ, onde ainda é professor de Regência e Prática de Orquestra, além de diretor artístico e Regente da Orquestra Sinfônica da UFRJ. Ocupa a cadeira nº 26 da Academia Brasileira de Música (ABM).